

Decifra-me ou te Devoro:

Uma Compreensão Sobre Poéticas Participativas



VIVIANE CRISTINA PRINCIVAL

Caros alunos,

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa Adobe Reader 11.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto as setas laterais podem lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

Nesse *pdf*, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

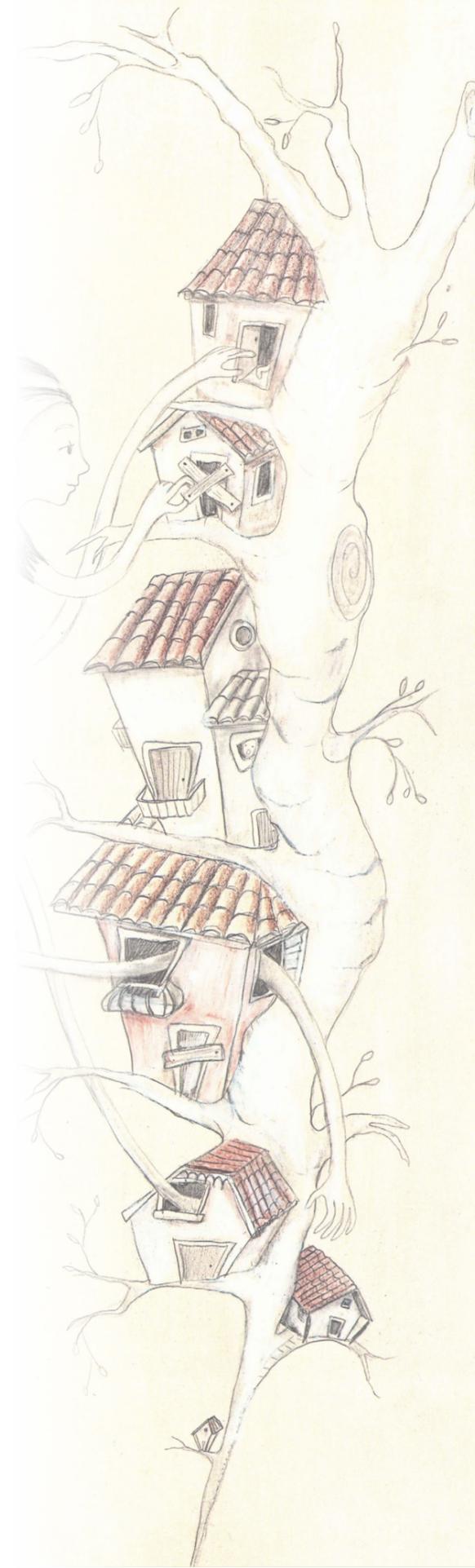
Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

Boa leitura!





SUMÁRIO



Apresentação

Caro estudante,

Já vos deve ser familiar o mito da esfinge: “Decifra-me ou te devoro”. Na cidade de Tebas, na antiguidade do Egito, existiu a esfinge, um monstro fabuloso, com corpo de mulher e de leão, que apresentava o seguinte enigma: “Que animal anda pela manhã sobre quatro patas, à tarde sobre duas e à noite sobre três?” Todos aqueles que se aproximavam da Esfinge e não resolviam o enigma, eram devorados por ela. Até que um dia, Édipo resolveu o enigma: “A resposta é o homem, pois engatinha na infância, anda ereto na idade adulta e precisa de bengala na velhice.” A esfinge frustrada por ter sido decifrada, tem seu fim num precipício.

Nesse *e-book* trataremos brevemente sobre as poéticas participativas, a arte participativa. Em algum momento da vida você já se deparou com alguma esfinge e de um enigma por resolver. A ânsia para desvendar aquilo consome no instante da contemplação. Assim se dá com a experiência de apreciação estética: pela estimulação dos sentidos e pela vontade de compreender e resolver a obra esteticamente, entender as soluções que o artista encontrou para produzir determinada obra.

A arte em si é participativa. Mas, na contemporaneidade, o conceito de poéticas participativas ganha corpo e autonomia. Vamos conhecer mais?

Boa jornada de estudos!

Prof.^a Viviane Cristina Princival.



1. História da Arte, Poéticas e Transformações: A arte é Participativa

Por meio da história da arte, é possível compreender que a arte em si é participativa, mas que é a partir da produção de arte moderna e contemporânea que novas terminologias são utilizadas e, graças a esse fenômeno que envolve também outros aspectos de mudança, novas poéticas se desenvolvem nas obras de arte e processos criativos. Neste contexto, faz-se necessário pensar igualmente o ensino de arte no momento atual e como se apropriar destas novas linguagens artísticas, sobretudo as poéticas/linguagens de arte participativa.

1.1 História da arte e transformações nas poéticas: a arte é em si participativa

Embora o conceito de poética/arte participativa ganhe força na contemporaneidade, faz-se necessário compreender que a arte em si é participativa. Toda e qualquer arte é participativa, mas a compreensão de arte no momento atual, desenvolve terminologias que permitem explorar novos conceitos e linguagens artísticas, novas poéticas.

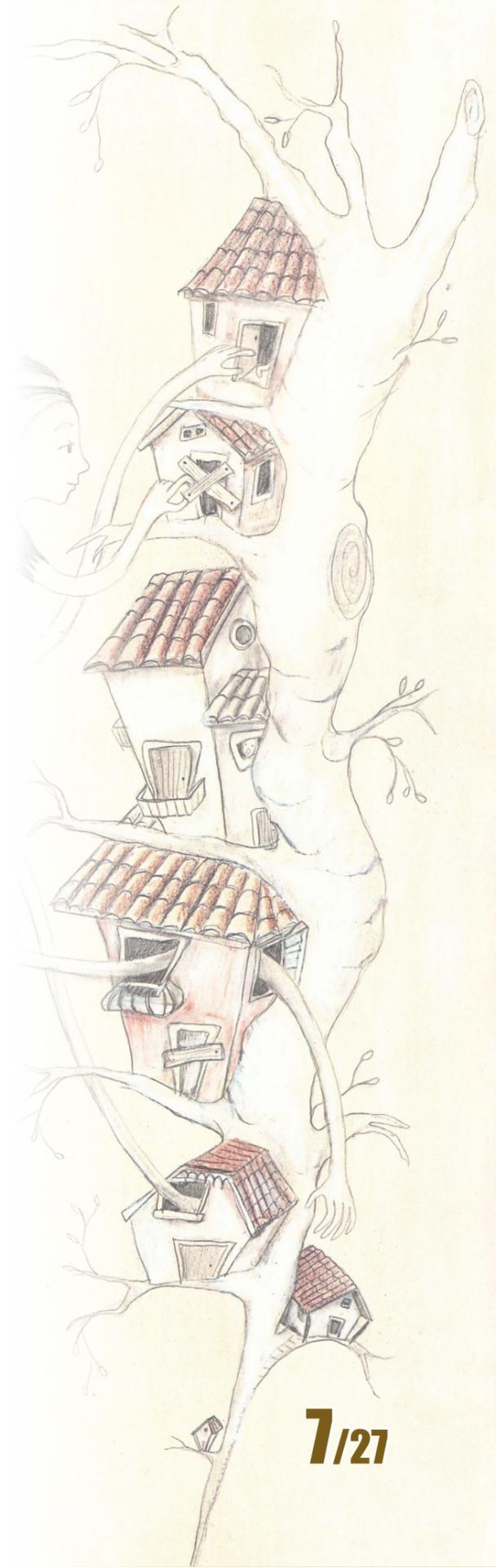




CONCEITO DE POÉTICAS NA ARTE

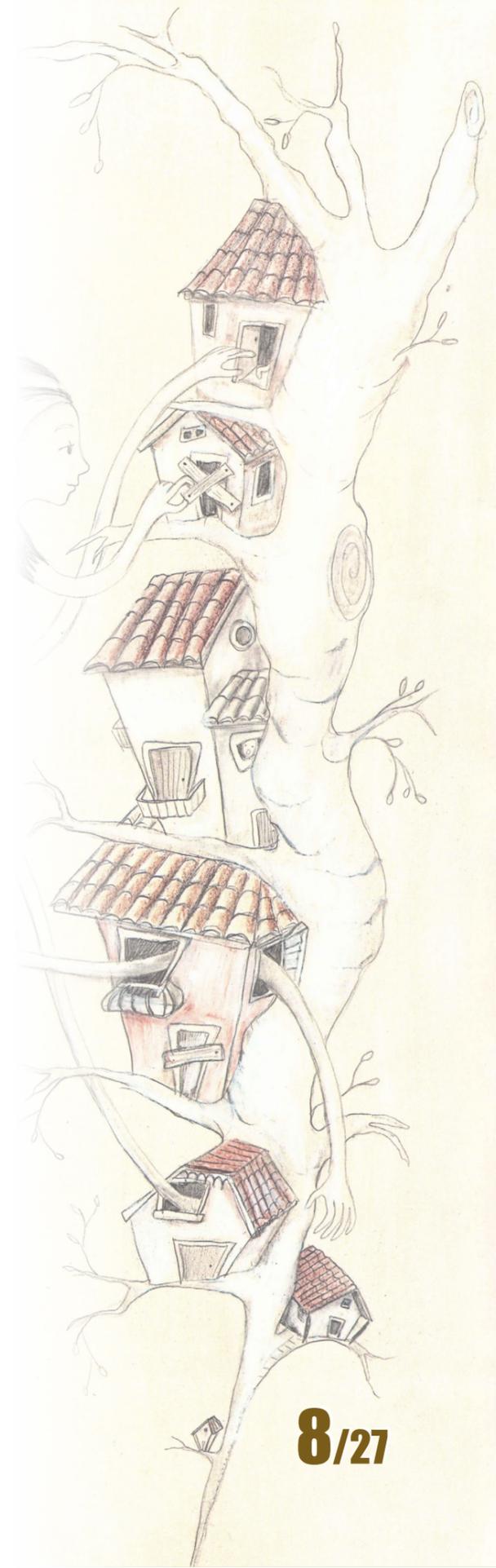
Poéticas artísticas são as linguagens que o artista utiliza para criar suas obras. E a poética de um artista, a sua linguagem, é construída pela formação de seu repertório pessoal de referências: as experiências estéticas por meio de viagens, apreciações de espetáculos, filmes, músicas, concertos, peças, livros, aulas, etc.

Já parou para pensar como você está formando o próprio repertório estético?





Para compreender nitidamente a arte contemporânea, é preciso um domínio sobre o entendimento dos demais períodos da história da arte. É comum ouvir falar que a arte moderna e a arte contemporânea vêm romper com padrões artísticos até então consolidados, que é necessária essa ruptura com todo e qualquer padrão que tenha tendências clássicas, como se qualquer referência ao classicismo devesse ser totalmente extinta do tempo atual. Mas antes de pensar em romper com padrões, em desconstruí-los, é preciso de fato entendê-los. Eis o motivo pelo qual, muitas vezes, a arte contemporânea peca: a crítica que esse tempo se propõe a desenvolver não é fundamentada nos próprios esquemas estéticos. A arte contemporânea também traz, em seu bojo, esquemas de composição (que são sócio-históricos, estéticos, culturais) a serem considerados. E a realidade é que, muitas vezes, não há um conhecimento aprofundado sobre os objetivos estéticos de períodos mais antigos e de como se chega à perspectiva estética do momento atual. Debruçando-se sobre a antiguidade, por exemplo, é possível reconhecer que a arte desse tempo era, primordialmente, participativa, mas que, no tempo do Egito Antigo, da Roma e Grécia Antigas ou então da Idade Média, não se tinha, por definição, conceitos como os de *performance*, ou *médiation culturelle*, ou poéticas participativas/interativas.





Na história da Arte, é possível trazer à tona exemplos de arte, muitíssimo participativa, desde a pré-história. A arte rupestre, nas cavernas, é uma representação de ações cotidianas de um determinado grupo social, uma determinada comunidade. Os desenhos e pinturas feitos com pedras e carvão friccionados nas cavernas eram representações de ações do grupo e, muito provavelmente, os próprios registros, as próprias pinturas, ao fazer memória dessas ações, inspiravam o grupo a continuá-las, aprimorá-las. As pinturas e desenhos da arte rupestre, ao mesmo tempo em que representavam, também impeliavam as ações do grupo.

A Idade Média, período pejorativamente conhecido como idade das trevas, muito pelo contrário, é o período cultural em que mais luzes se acenderam na humanidade: a partir da Idade Média foram fundadas as primeiras universidades, construções de belíssimo esplendor na arquitetura, e descobrimentos suntuosos na ciência e nas artes. Considerando a Igreja Católica sob um aspecto antropológico e cultural como uma potência de todos estes avanços, nota-se a arte participativa que dela provém em ao menos dois exemplos: as pinturas nas paredes das igrejas, desde esse tempo, alcançavam para os fiéis a compreensão de todo o calendário litúrgico, de todos os rituais que este grupo social se propunha a realizar em seus momentos de encontro e práticas devocionais no decorrer do ano todo. As pessoas, em sua maioria iletradas, acompanhavam, pelas pinturas todos os acontecimentos da vida de Cristo e das práticas de devoção. A arte, por meio das pinturas, sempre dialogou com as práticas culturais do grupo social.

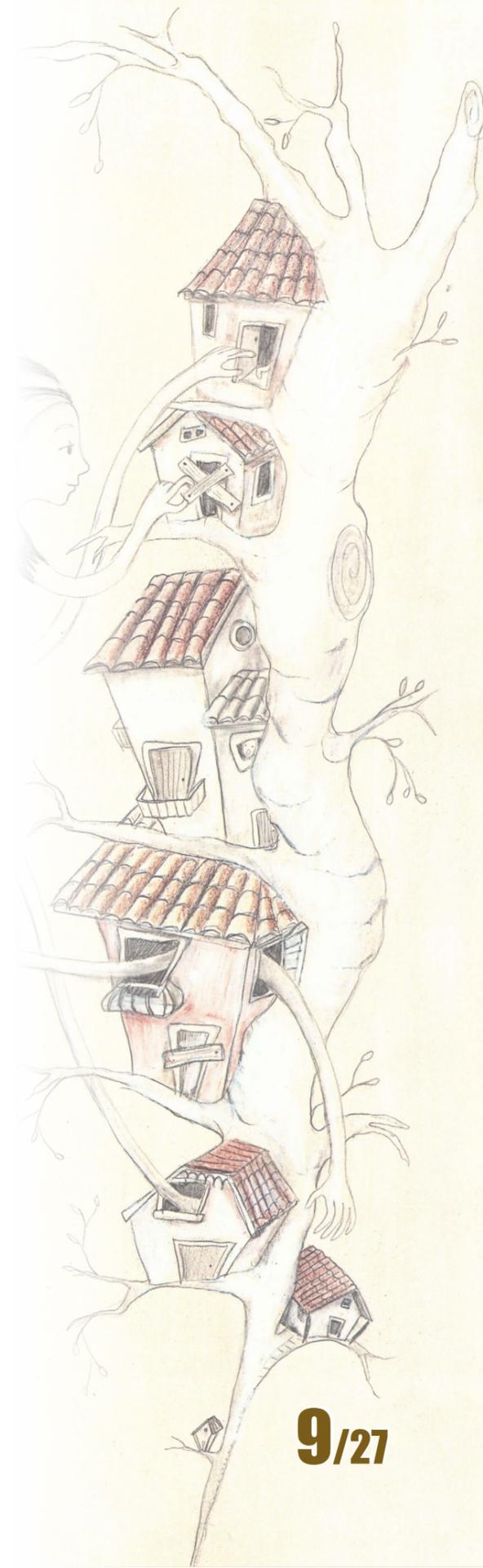


Figura 1 - “Chiesa de Jesu, Roma”



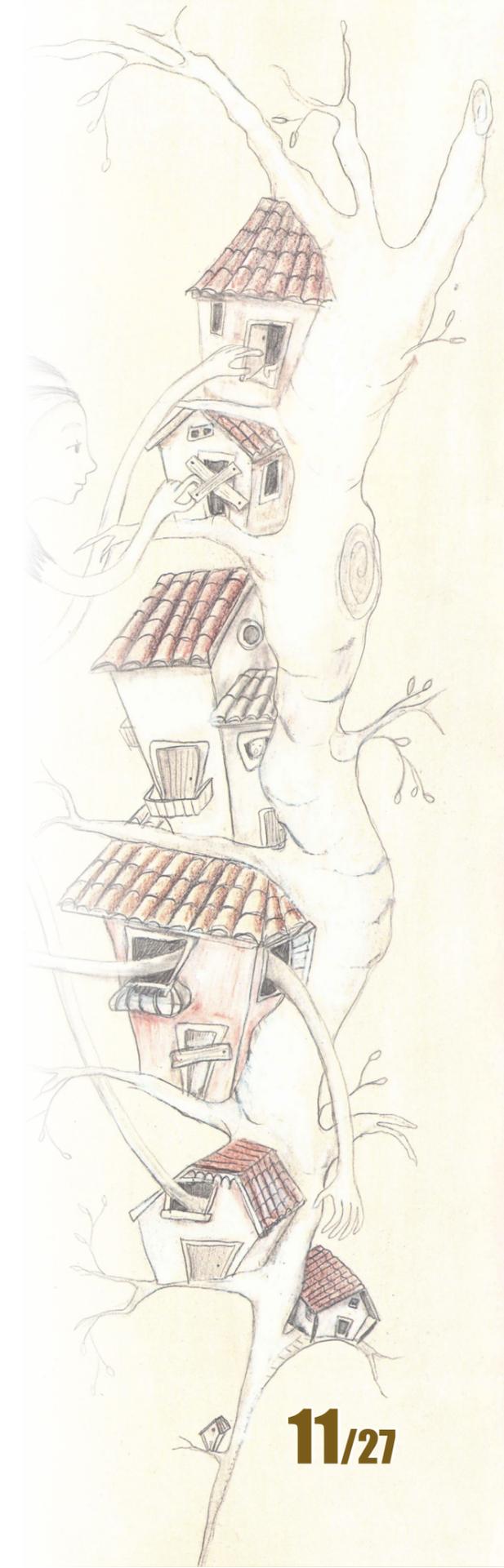
E isso não se limita apenas à arte visual, mas também à música produzida pelo grupo.



Figura 2 - Mosteiro de Alcobaça, Portugal



A construção arquitetônica era pensada pela acústica: construído em um tempo em que não existiam os recursos da música eletrônica, incluindo microfones, a arquitetura das igrejas era pensada para a expansão acústica da música vocal).

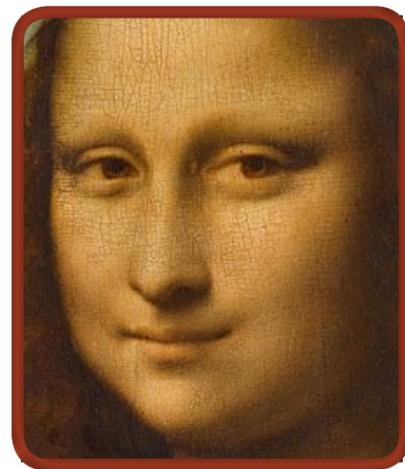




O predomínio do canto-chão – que é a música unicamente vocal, o canto gregoriano, em que há somente uma melodia vocal, foi aos poucos substituído ou completado pela polifonia das vozes. Isso se deu reconhecidamente na transição para o Renascimento, com o compositor Giovanni Pierluigi da Palestrina. Mas, o exemplo de arte participativa aqui, ainda remete ao tempo da predominância do canto gregoriano na Idade Média, em que um coro, um grupo de cantores conduzia as músicas nas celebrações do rito religioso. Nas épocas de festas especiais, como o natal e a páscoa, o coro substituía as composições clássicas da hierarquia da igreja, pelos vilancicos, que são músicas de cunho mais popular, conhecidas e cantadas por toda a comunidade. Nestas ocasiões de solenidade, o coro se apropriava das melodias dos vilancicos para cantar as letras que faziam menção ao nascimento de Cristo, por exemplo. Era um momento de festa, todos cantavam. A arte como expressão de uma comunidade em festa com o nascimento de Cristo.

Vilancico *A Minino tam bonitio*. Interpretação do grupo O bando de Surunyo.

O trocadilho com o mito da esfinge “decifra-me ou te devoro”, nada mais é que o convite a se pensar sobre papel participativo que toda arte tem de questionar, mover a pensar e alentar e provocar com as proporções de beleza ou de horrendo. Provavelmente você já deve ter se sentido questionado ao contemplar o sorriso da Monalisa, de Da Vinci - no Renascimento não havia obviamente, o termo de poéticas participativas. Ainda assim o público é convidado a participar da obra, somente pelo olhar provocador do retrato da Monalisa, que até hoje é uma incógnita.

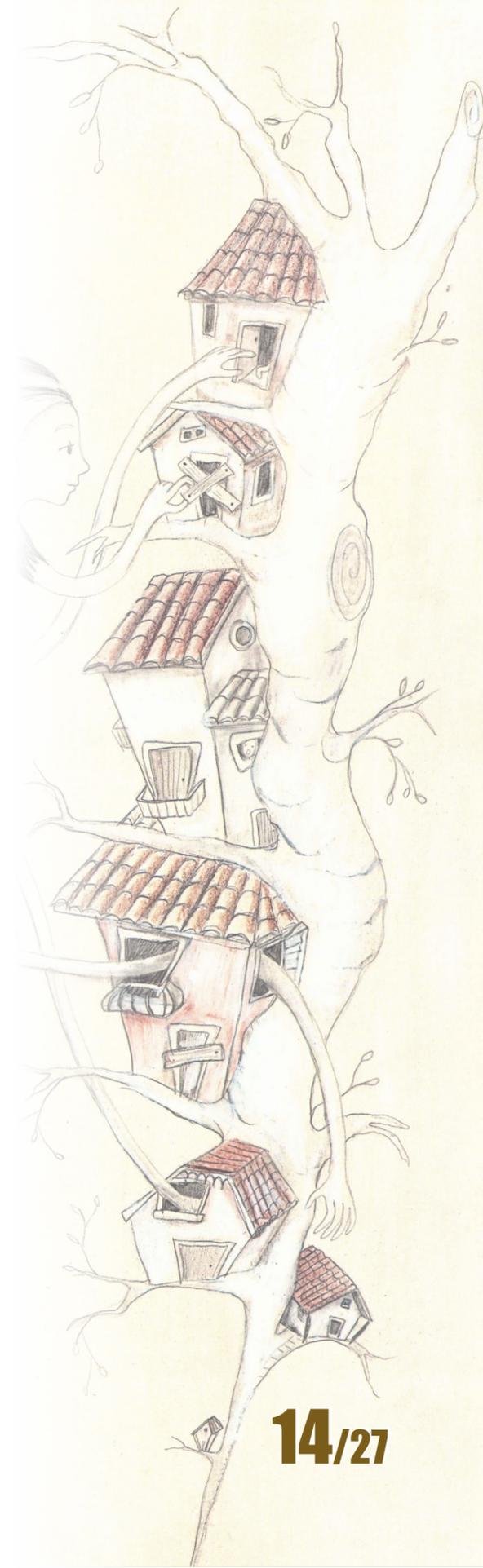


A vertical illustration on the left side of the page. It depicts a large, stylized tree with a thick trunk and sparse branches. Several small, simple houses with red-tiled roofs are built into the branches and trunk. A hand is shown reaching up from the bottom right towards one of the houses. Another hand is visible near the top of the tree, holding a small figure. The style is a light pencil or watercolor sketch with some color washes on the roofs and walls of the houses.

A partir da década de 1960, percebe-se que um ideal de revolução tomou conta da cultura do mundo todo, e influenciou todos os âmbitos da vida em sociedade. A arte, obviamente, respirou esta mesma atmosfera. Os artistas, em sua maioria, sempre têm um *insight* que os antecipa ao seu tempo e arte geralmente é o advento de muitas transformações. Isso é visualizado nos ismos que despontam na arte, desde o início da modernidade. Mas é na década de sessenta que se vive um marco no desenvolvimento de muitas linguagens, poéticas artísticas, talvez pela ousadia de explorar novos conceitos e terminologias. Ambiguidade na compreensão, riscos, novas maneiras de produzir: sim, este tempo é campo minado, caótico, cheio de complexidades e com muitas possibilidades de criação! É neste entorno que a terminologia poéticas participativas ganha corpo e autonomia e que muitos artistas desbravam declaradamente suas possibilidades.

1.2 A arte contemporânea e as poéticas participativas

Das muitas nomenclaturas que a arte usa para caracterizar seus interesses na concepção de participação, é possível conhecer, de acordo com Bishop (2012) os seguintes termos: “*socially engaged art, community-based art, experimental communities, dialogic art, littoral art, interventionist art, participatory art, collaborative art, contextual art e social practice*”. Aquino (2016) completa que a escolha da expressão arte participativa provém do sentido de participação, algo mais pessoal e espe-



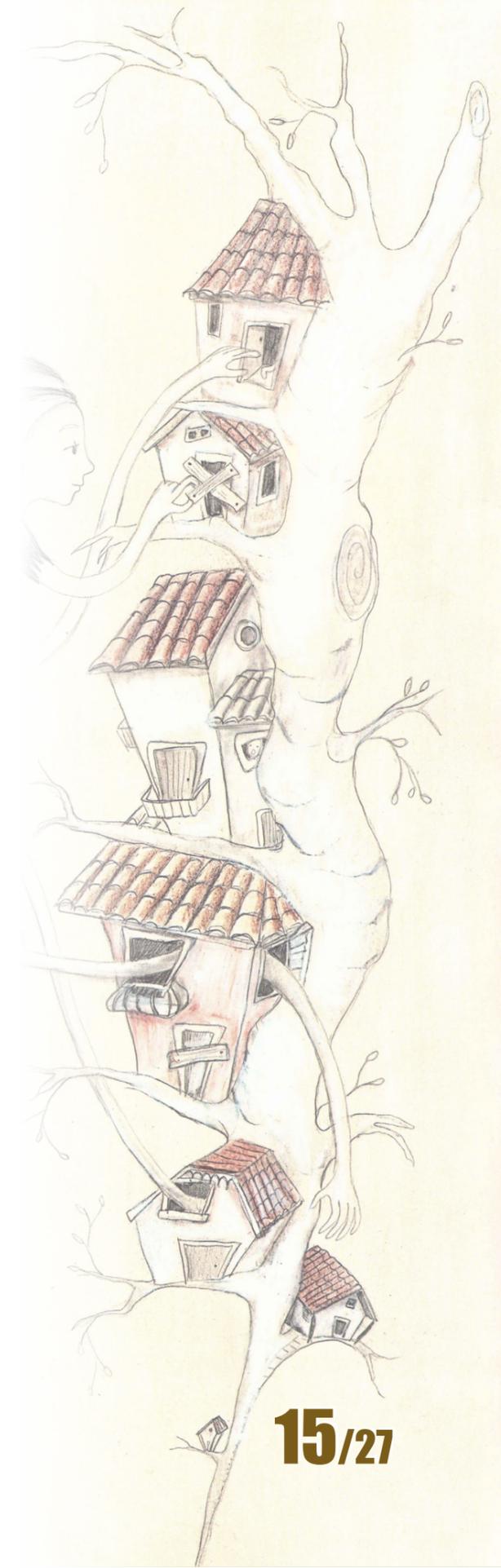
cífico. A autora discorre que nomenclaturas como engajamento social podem ter uma conotação e aplicabilidade muito amplas e esquivar o público das responsabilidades que o termo participação traz em si. Por isso a insistência na participação: arte/poéticas participativas.

Figura 4 - “Penetráveis Transparentes, Hélio Oiticica



Fonte: Terceira Margem.

É a participação, portanto, que contribui na definição do que é a obra de arte. A participação delinea a narrativa da obra que acontece entre o artista, as materialidades e o público espectador.





Na contemporaneidade, não somente nas artes visuais, mas nas poéticas que contemplam também o desenvolvimento das artes cênicas e musicais, é possível diagnosticar cada vez mais o envolvimento do público na receptividade da obra. No teatro e na dança, por exemplo, a quebra do que é chamado de quarta parede permite que, muitas vezes, os atores e dançarinos-atores dialoguem com o público por meio da atuação. E isso vale também para a performances de interpretação musical, tanto na música experimental quanto em concepções mais clássicas, que tendem a dialogar também com elementos modernos.

Para as artes plásticas, um exemplo de criação em poéticas participativas é o artista brasileiro Hélio Oiticica que, respirando a atmosfera dos anos 1950, pensa em produções de arte interativa. Inspirado em cenas sociais e contextos históricos, a arte experimental de Oiticica é polêmica. O artista redefiniu conceitos na produção de arte e explorou uma dimensão ética, social e política.

Para quem quer entender um pouco mais sobre a produção polêmica e inovadora de Oiticica, que tal acessar uma de exposição interativa do artista em Londres? Mas prepare-se para não se assustar com os tipos de molduras de seus quadros.

EXPO LONDRES

1.3 Pensar as poéticas participativas para o ensino de arte na contemporaneidade

Pensar o ensino de arte na contemporaneidade é pensar também na complexidade desse tempo. Stuart Hall (2004), estudioso da cultura, fala sobre a ambiguidade e o caos que representam esse tempo que é também chamado de pós-modernidade. Há, no momento atual, uma compreensão de sujeito que é diferente do sujeito introspectivo da antiguidade ou do sujeito sociológico, do sujeito como centro de todas as ações do mundo. Na pós-modernidade há o sentido de sujeito polivalente, multifacetado, de várias identidades, várias escolhas. E a compreensão desse fenômeno cultural desponta diretamente na área da educação. E isso conduz a pensar sobre os desafios do ensino de arte.

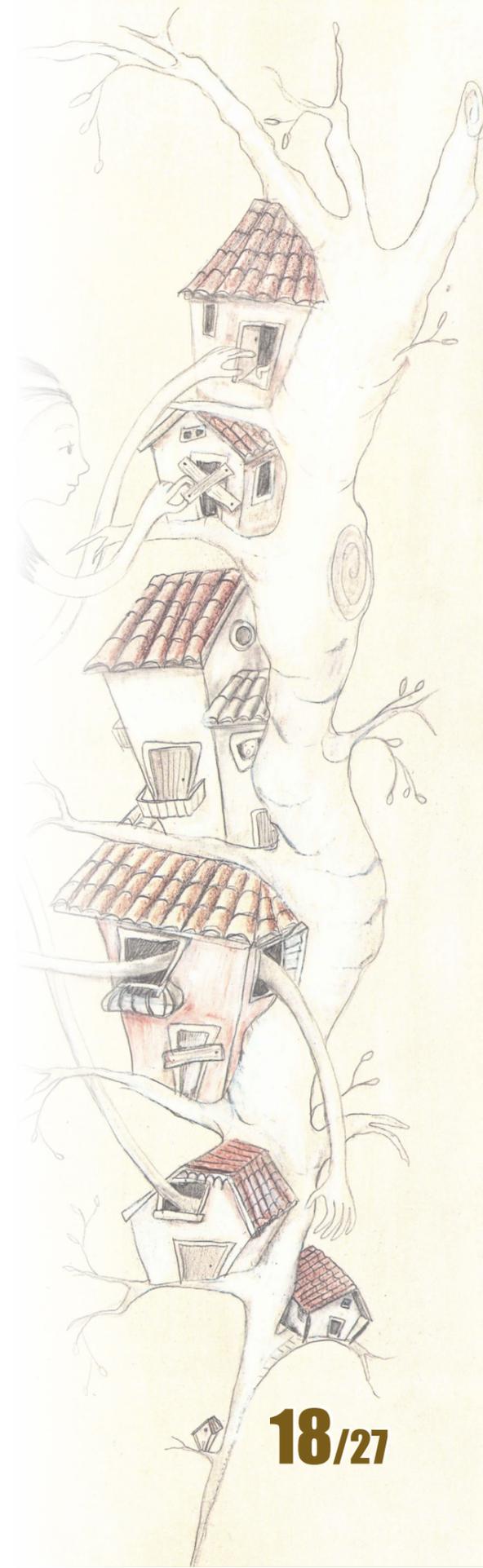
Conheça a metodologia de ensino do Professor Carlos Nadalim. É um ensino alfabetizante utilizando-se do método fônico. Mas o que isso tem a ver com o ensino de Arte? A metodologia do professor utiliza-se da tríade percepção: música, poesia e ritmo (ginástica e consciência corporal). Tem ou não tem tudo a ver com ARTE PARTICIPATIVA?!

Com a clareza de que não se afastar da compreensão histórico-artística de outros períodos da história da humanidade e da produção artística de cada um deles, faz-se necessário atentar para as novas formas de criar, as novas formas de apresentar a arte ao público e o ensino das novas linguagens, novas poéticas.

Toda arte é participativa. Mas a arte nomeada participativa, produzida a partir da década de 1960, envolve, declaradamente o público, exigindo que ele faça parte da narrativa da obra, faça parte daquilo que a obra se propõe a mostrar.

Nesse contexto, ao tratar do ensino de arte e sobre o entorno das poéticas participativas, é possível afirmar que a arte participativa vem ao encontro de muitos dos desafios da educação e do ensino no momento atual. E que as propostas das poéticas participativas rendem muitos frutos no ensino de arte, uma vez que as intenções da arte participativa visam dar visibilidade à aspectos de transformação social e da vida cotidiana de vários grupos da sociedade, incluso minorias e outras comunidades de diferentes condições de cultura.

As poéticas participativas nascem nas várias linguagens artísticas e as metodologias para o ensino de arte apropriam-se dessas poéticas que exigem a participação do público, trazendo à tona conceitos de peculiar importância para o desenvolvimento dos processos criativos. Temas como responsabilidade social, autonomia, e conteúdos específicos da arte, são explorados por meio do ensino e da criação de poéticas participativas. Na próxima unidade vamos conhecer exemplos de arte declaradamente participativa e alguns de seus objetivos.



A vertical illustration on the left side of the page. It depicts a large, stylized tree with several small houses built into its branches. The houses have red-tiled roofs and some have windows with people inside. A hand is shown reaching up to touch one of the houses. At the bottom, a stack of more houses is shown, with a hand reaching up to touch them. The style is simple and illustrative, using brown and red tones for the houses and green for the tree.

2. Decifra-me ou te Devoro: Algumas Intenções das Poéticas Participativas

A arte declaradamente participativa traz em seu bojo objetivos como o de dar notoriedade para elementos importantes de vários grupos sociais que, na perspectiva cotidiana, passariam despercebidos. Isso inclui influenciar diretamente em políticas públicas, visando benefícios para a vida das pessoas. Compreendemos, amiúde nesta unidade, algumas das intenções das poéticas participativas.

2.1 A influência das poéticas participativas nas políticas públicas

A arte é nada mais que a expressão de um sujeito ou grupo sobre determinada intenção. Ao pensar as poéticas participativas, Zanatta (2010), apresenta o poder de persuasão das poéticas participativas também no âmbito das políticas públicas. Esta autora traz à tona o exemplo de uma poética participativa na cidade de Barcelona, na Espanha, no ano de 2006. Consta que o artista Antony Abad (2006) escolheu como linguagem uma poética participativa para portadores de necessidades especiais, então cadeirantes, distribui-lhes aparelhos celulares com aplicativos de GPS, nos quais registrariam quaisquer espaços da



cidade inacessíveis às cadeiras de roda. Portanto, a cada local em que não houvesse rampas de acesso ou outros descuidos de acessibilidade física no espaço, seria realizado um registro no aplicativo. Zanatta (2010) fala sobre a repercussão que esta ação de arte participativa teve diante das políticas públicas na cidade de Barcelona, viabilizando a construção de inúmeros pontos de acesso para aquela comunidade local:

A partir disso, foi desenhado um mapa que revelou uma Barcelona inacessível para os cadeirantes e criada uma rede (conectada via Internet) de cidadãos mais atentos a seus direitos em habitar dignamente a cidade. Em uma proposta como a de Abad, fica claro que não se privilegia a arte como geradora de objetos novos, mas como ativadora de novas relações onde antes havia pouco ou nenhum contato ou linha de diálogo entre as pessoas que passam a se conhecer a partir do projeto. O artista intervém assim no social modificando situações relacionadas a um contexto bem específico. (ZANATTA, 2010, p. 4).

O exemplo trazido pela autora ilustra o potencial das poéticas participativas. A arte de Abad (2006) para o público cadeirante, é incentivadora para a produção de arte de muitos outros temas necessários para o momento atual. Vale a pena atentar para realidade na qual o artista está inserido, a realidade do grupo, comunidade local ou então para o conhecimento que se pretende alcançar para o grupo, por meio da arte.



2.2 As poéticas participativas alterando o cotidiano comum e alcançando visibilidade a assuntos de discussão

É possível compreender, portanto, que a arte participativa visa dar imagem e voz para necessidades sociais. As poéticas participativas promovem espaços de visibilidade para assuntos de discussão social, dão representatividade para pautas peculiares de diferentes comunidades.

Tanto o discurso de sujeitos ou grupos que estão à margem da sociedade, quanto práticas do cotidiano comum são alteradas por meio das poéticas participativas.

No caso das discussões sociais, a arte participativa impele os responsáveis políticos a redobrar uma postura de atenção para com as necessidades e pautas em questão. E no que diz respeito a alterar a estética de espaços de uso comum e diário, a arte participativa provoca o público a refletir sobre as condições do ambiente, alcança-lhes consciência cultural do espaço físico e isso alcança também condições de autonomia para os sujeitos que o integram.

Uma obra de arte ou um processo criativo, além das poéticas, exige que o artista criador escolha as técnicas e materialidades. As poéticas participativas permitem que o artista una várias linguagens na obra, faça com que, por exemplo, uma peça teatral converse com um filme, ou uma pintura, um espetáculo de dança, ou de dança-teatro, exigindo em si, que o público interaja, envolva-se, tome sobre si também a responsabilidade da obra e do que ela representa.



3. O Papel do Espectador/Público nas Poéticas Participativas

Cada artista, ao desenvolver uma poética/arte participativa, espera uma reação/participação específica de cada tipo de público, de acordo com a intencionalidade da obra. Não é possível determinar, em uníssono, uma única forma comum para que o espectador, o público reaja sempre de igual maneira diante de toda espécie de arte participativa. É impossível penetrar na mente criativa e nos objetivos de cada artista que explora as poéticas participativas e denominar uma única reação esperada do público. Mas é possível, todavia, encontrar pontos semelhantes pelos quais mapeia-se exemplos de papéis do espectador/público diante das poéticas participativas. Trataremos de alguns exemplos nesta unidade.

3.1 O que o artista espera do público/espectador nas poéticas participativas

Os motivos pelos quais o artista desenvolve uma arte participativa são variados, e refletem diretamente no que espera do público diante da obra. Embora não seja possível determinar uma única forma que seja comum ao público em geral para reagir e participar nas poéticas desse cunho, é possível refletir sobre aspectos muito próximos:



- considerar os contextos de criação da obra, as materialidades, o próprio espaço físico em que a obra está instalada;
- identificar os graus em que a obra pretende envolver o público;
- o artista se aproxima do público: o artista, nesse caso, não é o único e solitário criador da obra, mas a reação, a participação do público delinea a narrativa da obra em conjunto com o artista.

Se, por exemplo, proponho uma poética participativa com o tema despedidas, a materialidade que escolhi inclui: tintas, pinceis, uma tela e folhas de papel em branco. Início uma pintura com o tema despedida e deixo os recursos disponíveis para o público, ao observar a obra, continuarem-na e ainda deixar bilhetes com o tema despedidas:

a) alguma pessoa dentre o público poderá reagir de forma contrária, não assumindo a condição de despedida, mas promovendo uma nota de repúdio a qualquer despedida. Por algum motivo pessoal, alguém pode defender o tema chegadas e não despedidas. A intenção inicial da narrativa da obra altera-se no mesmo instante.

b) podem existir registros de despedidas em um teor mais profundo, revelando até mesmo questões emocionais que exigem um acompanhamento psicológico. Se a obra estiver instalada em um ambiente como escola ou universidade, é possível criar soluções para questões desse tipo, até mesmo melhorando o acompanhamento dos alunos com a ajuda de psicólogos e outros profissionais, etc.).



A vertical illustration of a tree with several houses built into its branches. The houses have red-tiled roofs and small windows. A hand is shown holding one of the houses. At the top, a small figure is riding a bicycle. The style is simple and illustrative.

O público nas poéticas participativas é disponível! Disponível para interagir, participar, continuar a obra nas intencionalidades, responder à obra. Até mesmo no teatro, ao entender, na História da Arte e História do Teatro a ruptura da quarta parede, que os espetáculos e peças são preparados para um maior envolvimento do público, os artistas treinam habilidades de retórica e interpretação para fazer com que, cada vez mais, o público sinta-se no interior da peça, no interior da encenação. Do mesmo modo, os atores podem ir até o público, alterando o espaço de composição da cena, não permanecendo somente no palco. Na música, as poéticas participativas envolvem música experimental e peças musicais ou experimentos sonoros exigem também a participação do público, não somente tocando instrumentos, mas reproduzindo e compreendendo sons da vida cotidiana.

As poéticas participativas podem envolver todas as linguagens da arte... música, visuais, cênicas. Ressalta-se, novamente, a importância de formar o repertório pessoal do artista e do professor de arte, para que isso reflita diretamente na capacidade de criação: ler bons livros, assistir bons filmes, dominar conteúdos de história da arte, ver imagens de pinturas e esculturas, viajar, ter contato com a natureza. Tudo isso acrescenta muito na formação do repertório e na produção artística.

3.2 O local do espectador/público nas obras de arte interativas

Já ficou claro que a arte participativa não espera que o público seja mero receptor. As poéticas artísticas participativas são realizadas em si, com a ação do público mediante a proposta do artista criador. Na concepção de poéticas participativas são superadas as fronteiras que delimitam o local para o público diante da obra. O local do público, nessas poéticas, é a própria obra.

Notas explicativas como bilhetes, instruções, etc., fazem parte da obra, para auxiliar, direcionar o público a responder bem a proposta do artista criado

Se o tema da obra envolver consumismo, por exemplo, talvez o artista espere que as reações do público respondam o que o consumismo lhes representa. Gostar de consumir de forma exagerada ou restringida, são escolhas e manifestações pessoais de cada sujeito, isso é uma variável. Mas, na obra, o artista deixa indícios daquilo que gostaria que o público fizesse: bilhetes, direcionamentos, notas explicativas. Tudo isso faz parte da arte participativa, tudo que colabora para que o público participe e aproveite melhor a proposta da obra e que essa participação deixe boas marcas na vida de quem passou por ela.



Referências

AQUINO, Rita. **Arte participativa, mediação cultural e práticas colaborativas:** perspectivas para uma curadoria expandida. Repertório, Salvador, n. 27, p. 90-103, 2016.2.

BBC Brasil. **Londres expõe a arte participativa de Helio Oiticica.** Disponível em: < https://www.bbc.com/portuguese/cultura/020503_oiticicabg.shtml > Acesso em fevereiro 2019.

BLAZETTO, Cristina. **A princesa desejosa.** Porto Alegre. Projeto, 2017.

BRADLEY, Fiona. **Movimentos da arte moderna: Surrealismo.** São Paulo: Cosac Naift, 2001.

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível.** 3. ed. Curitiba: Criar, 2004.

FURTADO, Beatriz (org.). **Imagem contemporânea.** São Paulo: Hedra, 2009.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós – modernidade.** Rio de Janeiro: DP & A, 2004.

MASON, Antony. **História da Arte: da pré-história ao século 21.** São Paulo: Rideel, 2009.

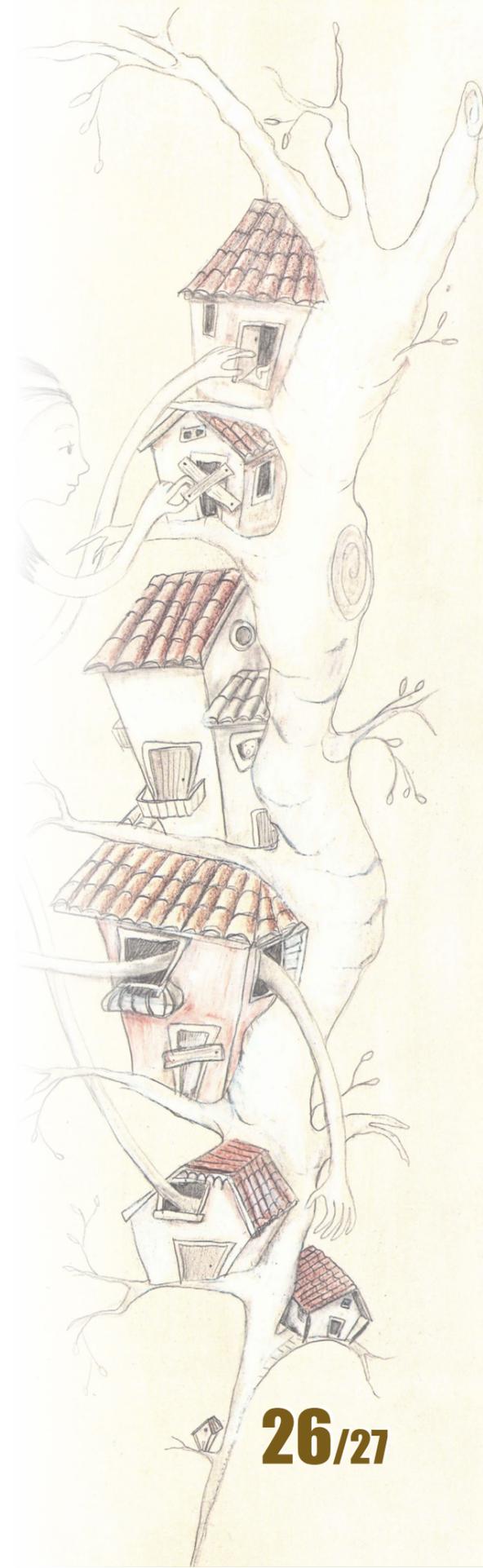
SCRUTON, Roger. **Beauty: very short introductions.** Oxford University Press, 2009.

SOUZA, Aguinaldo Moreira de. **O corpo ator.** Londrina: Eduel, 2013.

PRINCIVAL, Viviane C.; NADALIM, Carlos; MARQUES, Estêvão; MARQUES, Francisco. **Maravilhamento.** Curta-metragem. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=oELYIaqVTa8> > Acesso em fevereiro 2019.

PRINCIVAL, Viviane C. **Motivos para entender porque precisamos de educação estética.** Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=WRw__xLE-ks&t=5s > Acesso em fevereiro 2019.

ZANATTA, Claudia. **De intenções:** algumas notas sobre arte pública participativa. 19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas “Entre Territórios”. Bahia, 2010. Disponível em: < http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/cpa/claudia_zanatta.pdf > . Acesso em fevereiro 2019.





**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE DO
PARANÁ - UNICENTRO**

**NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - NEAD
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB**

Prof. Ms^a. Eglecy Lippmann
Coordenador Geral Curso

Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida Crissi Knuppel
Coordenadora Geral NEAD / Coordenadora Administrativa do Curso

Prof. Ms. Felipe Rodrigo Caldas
Coordenador de Tutoria

Prof. Ms^a. Marta Clediane Rodrigues Anciutti
Coordenadora de Programas e Projetos / Coordenadora Pedagógica

Espencer Gandra
Murilo Holubovski
Designers Gráfico

Yohan Berger / Noun Project
Elementos gráficos

Abr/2019

